



Fora de Quadro – Ensaio

## Uma abordagem do filme *A cor púrpura* a partir do feminismo negro

## Una aproximación a la película *El color púrpura* desde el feminismo negro

## An approach to the film *The color purple* from the perspective of black feminism

Mayra Silva dos Santos<sup>1</sup>Universidade Federal de São Carlos, SP, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0001-7274-3645>

**Resumo:** A intenção deste ensaio é analisar o filme *A cor púrpura* (Steven Spielberg, 1985), a partir dos pressupostos do feminismo negro apresentados na obra *Pensamento feminista negro* (2019), de Patrícia Hill Collins. De cunho qualitativo, a pesquisa utiliza procedimentos de análise fílmica, conforme proposta por Vanoye e Goliot-Lété (1994), para conduzir um debate acerca das condições de vida de três personagens do filme: Celie (Whoopi Goldberg), Shug Avery (Margaret Avery) e Sofia (Oprah Winfrey). Baseado no romance da escritora Alice Walker, publicado em 1982, a primeira versão do filme estreou em 1985 e recebeu uma nova leitura, em 2023. O filme *A cor púrpura* tanto em sua obra clássica quanto nas versões do filme, traz a realidade de opressão e das imagens de controle em que as afro-americanas estavam sujeitas. Sua análise não se restringe apenas à abordagem de temas relacionados a minorias, mas se destaca também por sua representação específica da mulher negra e sua luta multifacetada contra o racismo, sexismo, machismo e exploração laboral, tomando como referência as três personagens centrais que serão analisadas.

**Palavras-chave:** A cor púrpura; Feminismo negro; Patrícia Hill Collins; Imagens de controle.

**Resumen:** El objetivo de este ensayo es analizar la película *El color púrpura* (Steven Spielberg, 1985) a partir de los supuestos del feminismo negro presentados en la obra *Pensamiento feminista negro* (2019), de Patricia Hill Collins. De carácter cualitativo, la investigación utiliza procedimientos de análisis fílmico, según lo propuesto por Vanoye y Goliot-Lété (1994), para llevar a cabo un debate sobre las condiciones de vida de tres personajes de la película: Celie (Whoopi Goldberg), Shug Avery (Margaret Avery) y Sofia (Oprah Winfrey). Basada en la novela de la escritora Alice Walker, publicada en 1982, la primera versión de la película se estrenó en 1985 y recibió una nueva lectura en 2023. La película *El color púrpura*, tanto en su obra clásica como en las versiones cinematográficas, muestra la realidad de la opresión y las imágenes de control a las que estaban sometidas las afroamericanas. Su análisis no se limita únicamente al tratamiento de temas relacionados con las minorías, sino que también se destaca por su representación específica de la mujer negra y su lucha multifacética contra el racismo, el sexismo, el machismo y la explotación laboral, tomando como referencia los tres personajes centrales que se analizarán.

**Palabras Clave:** The Color Purple; Feminismo Negro; Patrícia Hill Collins; Imágenes de control.





**Abstract:** The purpose of this essay is to analyze the film (Steven Spielberg, 1985) based on the assumptions of black feminism presented in the work (2019) by Patricia Hill Collins. This qualitative research uses film analysis procedures, as proposed by Vanoye and Goliot-Lété (1994) to conduct a debate about the living conditions of three characters in the film: Celie (Whoopi Goldberg), Shug Avery (Margaret Avery), and Sofia (Oprah Winfrey). Based on the novel written by Alice Walker, published in 1982, the first version of the film has premiered in 1985 and received a new interpretation in 2023. The film, both in its classic work and in the film versions, brings to light the reality of oppression and controlling images to minorities, but also stands out for its specific representation of black women and their multifaceted struggle against racism, sexism, machismo, and labor exploitation, taking as reference the three central characters that will be analyzed.

**Keywords:** The Color Purple; Black Feminism; Patricia Hill Collins; Controlling images.

## Introdução

A pensadora feminista Patrícia Hill Collins<sup>1</sup> em sua obra *Pensamento feminista negro* (2019), destaca o feminismo negro estadunidense como forma especializada de conhecimento que reflete a experiência das afro-americanas. Temas centrais como trabalho, família, política sexual, maternidade e ativismo político são enfatizados para evidenciar as opressões interseccionais vividas por mulheres negras, especialmente no contexto estadunidense. Nessa perspectiva, Collins (2019) ressalta como a produção de conhecimento é subjugado por grupos subordinados, em particular pelas mulheres negras, mostrando como a definição do que é válido e verdadeiro está atravessada por relações de poder. O processo de validação do saber, historicamente, tem servido à manutenção dos interesses de homens brancos e poderosos.

O pensamento feminista negro, enquanto epistemologia, busca incorporar práticas e saberes que situam as mulheres negras em contextos de injustiça. Trata-se de uma teoria social crítica comprometida com a justiça, tanto para o próprio grupo quanto para outros sujeitos marginalizados, incluindo homens negros, mulheres africanas e membros de diferentes grupos raciais e étnicos, favorecendo, assim, um horizonte mais amplo de justiça social.

Com base nessa epistemologia, propõe-se uma análise do filme *A cor púrpura* (1985), a partir das experiências das personagens Celie (Whoopi Goldberg), Shug Avery (Margaret Avery) e Sofia (Oprah Winfrey), sob a perspectiva do feminismo negro e

---

<sup>1</sup> Patrícia Hill Collins é professora emérita do departamento de sociologia da Universidade de Maryland nos Estados Unidos. Foi a primeira mulher negra a presidir a Associação Americana de Sociologia. E é considerada, ao lado de Angela Davis e bell hooks, uma das mais influentes pesquisadoras do feminismo negro nos Estados Unidos.





inspirada no pensamento de Patricia Hill Collins. O longa é uma adaptação do romance de Alice Walker<sup>2</sup>, publicado em 1982. Sua primeira versão estreou em 1985 e recebeu uma nova leitura, sendo lançada em 2023.

A relevância da análise desta obra não está apenas vinculada ao fato de abordar temas relacionados a minorias, mas também por especificar e representar as mulheres negras e suas lutas contra o racismo, sexismo, machismo e exploração laboral, tomando como referência as três personagens que serão abordadas. Alice Walker, em sua obra, enfrenta diretamente questões de racismo, machismo e sexismo, demandando um engajamento com um feminismo que abrange as mulheres negras. A essência das personagens é especificada e demonstrada, tanto no livro quanto no filme, conduzindo a uma leitura da complexidade que envolve as mulheres em sua pluralidade.

O filme *A cor púrpura* tem uma relação direta com os pressupostos do feminismo negro, pois, ao longo da trama, as trajetórias das mulheres negras se entrelaçam com as diferentes formas de opressão que as afro-americanas enfrentam, restringindo suas formas de existência e vivência. A partir do contexto histórico do filme, percebe-se que a raça não é o único marcador de diferenças entre os grupos representados. O emprego de discussões sobre classe, gênero, religião e outros elementos de diferenciação recorrentes no contexto do filme.

De cunho qualitativo, a pesquisa utiliza procedimentos da análise de filmes, conforme proposta de Vanoye e Goliot-Lété (1994). Na perspectiva dos autores, a análise fílmica consiste na decomposição e descrição dos elementos constitutivos, buscando interpretá-los na sua reconstrução com o propósito de compreender ou estabelecer elos “para fazer surgir um todo significativo” (Vanoye; Goliot-Lété, 1994, p. 15). Nesta definição, considera-se a importância e a contextualização histórica da narrativa, relacionando-a com outros campos do conhecimento e sua relevância na contribuição à linguagem cinematográfica, ou seja, o equilíbrio entre forma e conteúdo. Para esta análise, duas etapas importantes foram utilizadas: a decomposição (descrição) e a interpretação.

---

<sup>2</sup> É uma das maiores escritoras, ativistas e poetisas norte-americanas. Nasceu em 1944 no estado da Georgia, Estados Unidos. Devido ao contexto de segregação racial, Alice Walker estudou na única escola que aceitava crianças negras em sua cidade. Por ter excelente desempenho acadêmico, recebeu bolsa integral para a Universidade de Atlanta (Spelman College), integrando-se ao Movimento pelos Direitos Civis e depois em Nova York (Sarah Lawrence College), onde se formou. Trabalhou como professora de literatura no estado do Mississippi entre as décadas de 60 e 70 do século XX. Seu primeiro livro *Once* foi lançado em 1968 e é parte de uma coletânea de poemas que Walker escreveu após seu primeiro aborto, fato que trouxe tristeza e sofrimento. Publicou em seguida diversas edições de contos e romances, entre eles, o livro *A cor púrpura*, em 1982, vencedor dos prêmios *Pulitzer* e *National Book Award*. O livro foi adaptado para o cinema, sendo lançado em 1985. Vale lembrar que seu primeiro livro de não-ficção publicado no Brasil foi *Em busca dos jardins de nossas mães*, lançado originalmente nos anos de 1980.





A decomposição permitiu a visão das partes em relação ao todo, ou seja, foram escolhidos cenas e determinados momentos do filme em que as personagens Celie, Shug Avery e Sofia vivenciam opressões de gênero, classe e raça. O estabelecimento e compreensão das relações entre os elementos fílmicos decompostos conduziram à segunda etapa: a interpretação do filme. A interpretação das cenas e momentos específicos do filme tratou da compreensão e descrição desses momentos/cenas a partir dos pressupostos do feminismo negro de Patricia Hill Collins.

O texto está dividido em duas partes: a primeira destaca o contexto histórico do filme, trazendo uma abordagem descritiva acerca da produção da obra e da condução do filme em suas diferentes versões. A segunda parte destaca a análise das condições de vida das personagens e uma abordagem interseccional de gênero, raça e classe a partir de suas trajetórias.

### **Algumas considerações sobre o filme: debates cinematográficos**

*A cor púrpura (The Color Purple)* é uma obra clássica da autora Alice Walker lançada no ano de 1982 nos Estados Unidos. A versão de 1985 do filme, dirigido por Steven Spielberg, é um drama que aborda os temas referentes às experiências de mulheres negras nos Estados Unidos. A história é contada a partir de cartas escritas por uma jovem – Celie, personagem principal – à Deus.

Celie é uma mulher afro-americana que vive no sul dos Estados Unidos no começo do século XX e busca superar os traumas vividos a partir dos abusos do pai e do marido ao longo da sua história. O enredo do filme se passa a partir do ano de 1906, em uma cidade do estado da Geórgia. O primeiro filme foi estrelado por Whoopi Goldberg, intérprete da personagem Celie, que ganhou um Globo de Ouro por sua atuação. Na nova versão do filme lançada em 2023, a personagem é estrelada por Fantasia Barrino, que estreou a personagem na adaptação musical do livro para Broadway.

O relançamento de *A cor púrpura* em 2023 insere-se em um movimento de revisitação de obras clássicas sob novas perspectivas culturais. A narrativa, já consagrada por sua relevância histórica e social, foi reconfigurada sob a direção de Blitz Bazawule, cineasta negro nascido em Gana, cuja atuação imprime ao filme um olhar estético e simbólico que dialoga tanto com tradições afrodiaspóricas quanto com a linguagem cinematográfica contemporânea. Essa nova abordagem confere à obra uma



dimensão que extrapola a adaptação literária ou teatral, reafirmando seu potencial crítico no campo da representação racial, de gênero e cultural. A produção também apresenta mudanças significativas em relação à versão anterior. Steven Spielberg, diretor da adaptação de 1985, retorna agora como produtor, ao lado de Oprah Winfrey, que integrou o elenco do filme original. O roteiro foi escrito por Marcus Gardley, poeta, dramaturgo e roteirista norte-americano. Nos Estados Unidos, o longa estreou em 20 de dezembro de 2023, enquanto no Brasil sua estreia ocorreu em 8 de fevereiro de 2024.

Em linhas gerais, a obra desencadeia discussões fundamentais que dialogam com temáticas emergentes do século XXI, como as violências de gênero, a sororidade entre mulheres, as relações raciais e o feminismo negro. Em comparação com a versão de 1985, a adaptação de 2023 amplia a representatividade cultural e simbólica das personagens negras, incorporando elementos da cultura afrodiaspórica e da musicalidade como instrumentos de resistência coletiva. Essa mudança reforça a centralidade das experiências femininas negras, apresentadas não apenas sob o viés da dor e do sofrimento, mas também como narrativas de força, esperança e construção de identidades.

*A cor púrpura (1985)* é um filme que apresenta análises sobre temas delicados referentes à figura feminina negra nos Estados Unidos. Patricia Hill Collins (2019) afirma que grande parte das afro-americanas descendem de mulheres trazidas aos Estados Unidos para trabalhar como escravas em condições de opressão. A autora destaca que a intersecção de raça, classe e gênero, característica da escravidão no contexto estadunidense, configurou as relações sociais e familiares das mulheres de ascendência africana no país.

[...] as mulheres negras estadunidenses encontram um conjunto específico de práticas sociais que acompanham nossa história particular no interior de uma matriz de dominação exclusiva caracterizada por opressões interseccionais. A raça está longe de ser o único marcador significativo de diferença entre grupos: classe, gênero, sexualidade, religião e condição de cidadania são muito importantes nos Estados Unidos (Collins, 2019, p. 63).

Dado o contexto em que estavam inseridas, as vidas das personagens de *A cor púrpura* foram profundamente afetadas pela interseção de marcadores como gênero,

raça e classe. Tanto na versão de 1985, dirigida por Steven Spielberg, quanto na adaptação de 2023, sob a direção de Blitz Bazawule, a narrativa evidencia a dor e o sofrimento de mulheres afro-americanas descendentes de pessoas escravizadas, trazendo à tona experiências de violência, desigualdade e resistência.

Na história, ganham destaque personagens como Celie, Shug Avery e Sofia, cujas trajetórias permitem compreender as múltiplas formas de opressão que atravessaram a vida das mulheres negras no século XX nos Estados Unidos. Nesse sentido, Collins (2019) compreende opressão como uma condição injusta e sistemática, na qual, por um longo período, um grupo social nega a outro o acesso a recursos e direitos. Essa concepção ajuda a iluminar a representação construída pelo filme, que expõe práticas de violência contra a mulher, machismo, racismo e as precárias condições sociais e educacionais que recaem, sobretudo, sobre mulheres negras.

### **A intersecção de gênero, raça e classe a partir das personagens**

O feminismo negro como teoria social crítica é uma importante ferramenta na análise das condições de vida das mulheres negras, sobretudo das mulheres negras nos Estados Unidos, pois segundo Collins (2019), elas se constituem um grupo oprimido nesse espaço. As opressões interseccionais de raça, classe, gênero, sexualidade e nação estruturam uma matriz de dominação que justificam a condição de vida que mulheres negras se inserem. Desse modo, o pensamento feminista negro tem como papel fundante a resistência à opressão, tanto em práticas quanto em ideias que justificam e sobrepõem a vida e lugar dessas mulheres.

O filme baseado na obra de Alice Walker, *A cor púrpura* (1985) conta a história de Celie Johnson, uma menina negra que teve uma infância muito difícil. Sua história é marcada por meio de mazelas que constituem a sua formação desde criança. Conduzida por um caminho de abusos, violências e ausência de educação formal, sua consciência era de que aturando os abusos do pai, estaria poupando sua irmã mais nova, Nettie, de viver as terríveis violências sofridas por ela. Isolada do mundo exterior e abusada sexualmente por seu pai durante anos, teve duas crianças ainda na adolescência, ambas retiradas do seu convívio, após o nascimento, ainda quando eram bebês.



**Figura 1:** Personagem Celie. Fonte: Captura do filme *A cor púrpura* (Steven Spielberg, 1985).

A partir da perspectiva de Patricia Hill Collins (2019) e do que é retratado no filme, os atos específicos de violência sexual contra mulheres afro-americanas podem ser entendidos como expressões concretas da opressão racial e de gênero. No contexto segregacionista e racista enfrentado por Celie, a violência que ela sofre evidencia a sistematização dessa opressão em seu cotidiano. A trajetória dessa personagem é profundamente marcada por um casamento arranjado com Albert (Danny Glover), um viúvo com múltiplos filhos, no qual a violência e os abusos se apresentam como elementos estruturais de sua opressão cotidiana, retratados gradualmente ao longo do filme. Quando sua irmã Nettie (Akosua Busia) a visita, Albert tenta cometer violência sexual contra ela; diante da resistência de Nettie, ele a expulsa do lar, enquanto Celie permanece impedida de intervir.

Antes de partir, Nettie compromete-se a escrever cartas para estimular a irmã a aprender a ler, entretanto, Albert as retém, impossibilitando a manutenção de qualquer vínculo entre as irmãs. O casamento, fundado unicamente na exploração do trabalho doméstico e no cuidado dos filhos, sujeita Celie a uma rotina de abusos que, em diversas ocasiões, a leva a considerar ações extremas, como o homicídio, enquanto uma forma de confrontar a opressão sistemática que sofre.

A trajetória inicial de Celie pode ser compreendida a partir de uma lógica de objetificação e de hierarquia no qual são colocadas mulheres negras. As<sup>3</sup> aplicadas às

<sup>3</sup> Conceito desenvolvido por Patricia Hill Collins para designar representações sociais e culturais que funcionam como estereótipos reguladores da vida das mulheres negras. São construções ideológicas que naturalizam a opressão ao apresentá-las como figuras como a *mammy* (doméstica fiel), a *jezebel* (hiperssexualizada), a *sapphire* (agressiva) ou a *welfare queen* (dependente e preguiçosa). Essas



afro-americanas revelam os contornos específicos dessa objetificação, bem como as opressões de raça, gênero, classe e sexualidade que se relacionam. Collins (2019, p. 140) discute que,

A primeira imagem de controle aplicada às mulheres negras estadunidenses é a da *mammy* – a serviçal fiel e obediente. Criada para justificar a exploração econômica das escravas domésticas e mantida para explicar o confinamento das mulheres negras ao serviço doméstico, a imagem da *mammy* representa o padrão normativo usado para avaliar o comportamento das mulheres negras em geral.

Apesar de sua condição como mulher negra fiel e obediente ao seu esposo, Celie vivia subordinada a uma autoridade que controlava todos os aspectos de sua vida e determinava seu destino. Quando afro-americanos veem mulheres negras como *mammies* ou matriarcas, acabam reproduzindo violências e objetificando não apenas as mulheres, mas também a si próprios.

A partir do que é proposto por Collins (2019), ao fazer esse trabalho de *mammy*, muitas mulheres negras conduzem também uma história, ao amar, alimentar e cuidar dos filhos de famílias brancas melhor do que aos seus próprios filhos. Para a autora, essa imagem concebe uma relação ideal de mulher negra ao poder da elite masculina branca. “Essas imagens de controle são traçadas para fazer com que o racismo, o sexismo, a pobreza e outras formas de injustiça social pareçam naturais, normais e inevitáveis na vida cotidiana” (Collins, 2019, p. 136).

Historicamente, afro-americanos têm sido explorados economicamente e politicamente, e privados de direitos no contexto estadunidense. Isso não significa que todos os afro-americanos tenham sido pobres ou que a maioria ainda seja, mas no contexto vivenciado por Celie, a personagem de origem humilde enfrenta uma série de injustiças: é violentada sexualmente, psicologicamente e fisicamente, e explorada por meio do trabalho. Esses aspectos fornecem uma compreensão das formas de opressão dentro das experiências vivenciadas pelas mulheres negras em suas redes de parentesco e em nichos ocupacionais, especialmente no trabalho doméstico.

O filme acompanha toda a trajetória de vida de Celie nesse contexto,

---

imagens não apenas moldam percepções, mas legitimam práticas institucionais e relações sociais que mantêm hierarquias de gênero, raça e classe (Collins, 2019).



mostrando seu amadurecimento e a construção gradual de sua personalidade diante das adversidades. A narrativa enfatiza a longa espera pelas cartas de sua irmã Nettie e a obstinação de Albert em escondê-las, o que mantém Celie em um estado de tristeza e isolamento, privada de qualquer possibilidade de contato ou reencontro familiar. Cabe destacar que a história se desenrola em 1906, período marcado pela inexistência de legislação que assegurasse direitos civis às pessoas negras nos Estados Unidos, o que intensifica a vulnerabilidade de Celie diante da violência doméstica. Assim, o filme não apenas retrata abusos individuais, mas também evidencia como tais experiências são moldadas por um contexto histórico e estrutural de opressão racial e de gênero.

O comportamento empático de Celie surpreende em meio a toda adversidade e abandono que enfrenta no filme. Uma imagem de mulher submissa e conformada é associada a seus comportamentos e falas. Sua posição de subalternidade e a reprodução de violências, especialmente em um diálogo com o filho de Albert, Harpo (Willard E. Pugh), representam uma familiarização com a linguagem e com a maneira de agir do opressor. Quando Harpo pergunta a Celie como poderia alinhar a submissão e obediência de sua esposa, Sofia, Celie responde que o ideal seria que Sofia sofresse violência física, ou seja, apanhasse. No diálogo, Harpo questiona: “O que eu faço com a Sofia?” Celie responde: “Bate” (A cor [...], 1985, em 43min22s).

Pode-se compreender que a consciência de Celie estava conformada com os atos de violência, o que explica sua resposta. Sua subordinação ao trabalho doméstico e aos cuidados com Albert e seus filhos a coloca em uma posição de marginalização e exposição à violência ao longo do filme, corroborando a discussão de Collins (2019), que aponta que muitas imagens de controle são internalizadas pelas mulheres negras, levando-as, por vezes, a reproduzir estereótipos impostos.

Collins (2019) também destaca o papel do silêncio como forma de submissão das afro-americanas. Segundo a autora, em uma sociedade marcada por opressão racial e de gênero, mulheres negras precisam permanecer vigilantes para garantir sua sobrevivência. Essa vigilância inclui observar e, em certa medida, assimilar comportamentos e formas de agir do opressor, utilizando-os estrategicamente para proteção. No caso de Celie, sua trajetória revela como essa adaptação e internalização podem se manifestar na tentativa de dar sentido à própria condição de opressão, evidenciando a complexidade do sistema que marginaliza mulheres negras, especialmente afro-americanas.

Atentando-se às personagens Sofia e Shug Avery, percebem-se perfis diferentes. Sofia é uma das personagens mais significativas do filme, juntamente com



Shug Avery que entra na narrativa como amante de Albert. As duas são mulheres fortes, independentes e primordiais no processo de emancipação da personagem Celie em relação ao marido abusivo. Nota-se a partir daí, o quanto outras mulheres negras, podem contribuir para que uma mulher negra encontre um caminho rumo ao seu empoderamento pessoal.

Diversas autoras afro-americanas, como Alice Walker, Toni Morrison, bell hooks e Audre Lorde, refletem sobre a resistência e a afirmação da identidade de mulheres negras frente a sistemas de opressão racial e de gênero. Para essas escritoras, não importa quão oprimida uma mulher seja; o poder de resgatar o “eu” existe dentro do “eu” (Collins, 2019). Essa perspectiva é particularmente significativa na trajetória de Celie, Sofia e Shug Avery em *A cor púrpura*. No caso de Sofia, observa-se a adoção de estratégias consistentes para afirmar sua autonomia e construir uma voz própria. Entre essas estratégias, destacam-se: a recusa em se submeter aos abusos do marido Harpo; o confronto direto com figuras de autoridade diante de situações de racismo e opressão; a busca por independência econômica; a expressão verbal e física de sua indignação; e a resistência psicológica e emocional, que lhe permite preservar sua identidade mesmo diante de humilhações e prisões. As trajetórias dessas personagens exemplificam como mulheres negras podem resgatar e afirmar o “eu” frente a contextos de opressão estrutural.

Voltando à cena em que Harpo questiona Celie sobre a melhor forma de manter a submissão de sua esposa, é evidente o quanto essas estratégias foram fundamentais para que Sofia mantivesse um “espaço” seguro de sobrevivência. Após sofrer violência de seu esposo, Sofia procura Celie e traz uma importante reflexão sobre sua condição. Sua fala é crucial para entender a posição e a luta da personagem ao longo de toda a trama.

[...] Tive que lutar toda a vida, – disse ela. – Tive de lutar com o meu pai. Tive de lutar com os meus irmãos. Tive que lutar com os meus primos e tios. Uma rapariga não se sara numa família de homens. Mas nunca pensei que tinha que lutar na casa que é minha. – Respirou fundo. – Eu gosto do Harpo, Deus sabe. Mas mato antes de deixar que ele me bata. Agora se queres ter um enteado morto continua a dizer-lhe coisas dessas. – Pôs a mão na anca. – Eu costumava caçar com arco e flecha, – disse ela. (Walker, 2012, p. 39).

As opressões vivenciadas por Celie e as experiências e resistências de Sofia desencadeiam uma forte discussão sobre a matriz de dominação caracterizada por opressões interseccionais. Collins (2019) destaca que a opressão das afro-americanas engloba três dimensões interdependentes: a exploração do trabalho, a dimensão política da opressão – que negou às mulheres os direitos e privilégios normalmente estendidos aos cidadãos brancos e as imagens de controle surgidas na era da escravidão.

Outra questão que emerge a partir da cena é a construção da masculinidade negra. Harpo, marido de Sofia, tenta, em alguns momentos, controlar o comportamento da esposa por meio da violência, reproduzindo uma lógica de poder que, segundo Collins (2019, p. 267), “é dissimulada pela crença generalizada de que os homens negros devem estar no comando para que possam recuperar a masculinidade perdida”. No entanto, Harpo não se encaixa completamente nesse modelo de masculinidade rígida, pois demonstra comportamentos transgressores, assumindo também tarefas domésticas e desafiando, em certa medida, os papéis tradicionais de gênero impostos pela sociedade.



**Figura 2:** Personagem Sofia. Fonte: Captura do filme *A cor púrpura* (Steven Spielberg, 1985).

Sofia (Figura 2), por sua vez, constrói, a partir da persistência e da luta contra o machismo em seu meio, uma consciência e um lugar de respeito. Ao desenvolver uma voz independente, Sofia encena outro aspecto discutido por Collins (2019) em sua obra:



a mudança pode ocorrer no espaço pessoal e privado da vida da mulher. No caso de Sofia, embora ela não pudesse alterar a estrutura que a envolvia, ela demarcava a forma como desejava ser tratada. Os constructos de trabalho e família entre os afro-americanos também são relevantes, especialmente no que diz respeito à posição de Sofia ao realizar atividades juntamente com o esposo. Observa-se que, ao longo da história do casal, os papéis de gênero foram moldados de maneira semelhante: Harpo cuidava das crianças e Sofia da pequena plantação da família, e vice-versa.

Angela Davis (2016), em sua obra *Mulheres, raça e classe*, descreve que a divisão desses papéis é característica do regime escravocrata, onde homens e mulheres eram regidos pela mesma “régua” e muitas vezes pela “conveniência”, ou seja, explorados como se fossem desprovidos de gênero. Contudo, quando era conveniente abusar, punir e reprimir, eram condicionados à sua posição de fêmeas. Segundo Davis (2016, p. 24):

O sistema escravista definia o povo negro como propriedade. Já que as mulheres eram vistas, não menos do que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero. Nas palavras de um acadêmico, “a mulher escrava era, antes de tudo, uma trabalhadora em tempo integral para seu proprietário, e apenas ocasionalmente esposa, mãe e dona de casa”. A julgar pela crescente ideologia da feminilidade do século XIX, que enfatizava o papel das mulheres como mães protetoras, parceiras e donas de casa amáveis para seus maridos, as mulheres negras eram praticamente anomalias.

Este constructo propalado durante o regime escravocrata conduzia as mulheres negras a serem trabalhadoras em tempo integral e apenas ocasionalmente esposas e donas de casa, contrapondo-se à noção ideal de mulher e feminilidade que demarcava a lógica colonialista.

A dimensão política que nega direitos e concede certos privilégios é um fator marcante em todo o enredo do filme. A segregação racial oriunda da colonização e do regime de escravidão, que se tornou sistêmica nos Estados Unidos nos séculos XIX e XX, é um dos fatores que permeiam a narrativa. A separação entre brancos e negros e

o regime de racismo que afeta todas as formas de relação no filme criam fronteiras rígidas entre afro-americanos e brancos americanos.

Collins (2019) afirma que os efeitos do racismo e da segregação racial em práticas discriminatórias negam um tratamento igualitário às pessoas negras. Ao longo da trama, ações separatistas e discriminatórias são evidentes. Uma das cenas mais expressivas é a prisão e o espancamento de Sofia, nos anos 1930, após ela responder negativamente ao convite de uma mulher branca chamada Millie (Dana Ivey), para trabalhar como empregada doméstica em sua residência.

Sofia é agredida ao recusar o “convite” e condenada à prisão. Em seguida, é liberada sob a condição de trabalhar como empregada e acompanhante de Millie até o fim da vida. Além da luta diária contra a opressão, Sofia é relegada a um regime de escravidão que a impede de ver seus filhos e forçada a trabalhar para a mulher branca.

Considera-se que a ampliação da ideia de inferioridade dos afro-americanos contribuiu de forma significativa para sua relegação no contexto estadunidense. A prática de violência e a imposição de modelos injustos como forma de “punição” foram comuns nas relações sociais entre brancos e negros. Práticas como as sofridas por Sofia visavam perpetuar uma punição rápida e “exemplar” para aqueles que, de alguma forma, desafiassem as convenções da comunidade.

A entrada de Shug Avery no enredo é central para compreender o processo de emancipação de Celie. Embora ambas sejam mulheres negras e compartilhem marcadores interseccionais de opressão, elas se apresentam como opostas em diversos aspectos. Quando conhece Celie, Shug já é uma cantora de *blues* famosa, financeiramente independente e considerada bonita (Figura 3), enquanto Celie é pobre, tímida, submissa e socialmente marginalizada, além de ser percebida como pouco atraente. A independência econômica e a confiança de Shug contrastam fortemente com a vida de Celie, tornando sua presença um catalisador para o despertar de sua própria autonomia e autoafirmação.



**Figura 3:** Personagem Shug Avery. Fonte: Captura do filme *A cor púrpura* (Steven Spielberg, 1985).

Apesar de sua condição de mulher empoderada em um contexto segregacionista, machista e misógino, Shug Avery encontra na arte do *blues* uma forma de autoafirmação e independência. No contexto norte-americano, o *blues* representa uma tradição cultural afro-americana que remonta às experiências de resistência, sofrimento e celebração da comunidade negra, funcionando como um espaço de preservação e transmissão de memória histórica. Alice Walker e Steven Spielberg utilizam o *blues* na trama para destacar essa importância, mostrando como a música permite às mulheres negras não apenas expressar sua voz e identidade, mas também conquistar autonomia financeira, reconhecimento social e liberdade pessoal. Collins (2019) ressalta que a música afro-americana proporcionou uma esfera em que mulheres negras puderam afirmar sua agência, sendo tanto um instrumento de resistência cultural quanto de independência econômica.

[...] Tradicionalmente, o blues assumiu, na cultura oral afro-americana, uma função semelhante à da mídia impressa para a cultura branca, de base visual. O blues não era apenas entretenimento – era uma maneira de consolidar a comunidade e discutir o tecido social da vida da classe trabalhadora negra nos Estados Unidos [...]. A música de intérpretes clássicos de blues da década de 1920 – quase exclusivamente mulheres – marca o primeiro registro escrito



dessa dimensão da cultura oral negra estadunidense. As canções eram originalmente cantadas em pequenas comunidades, nas quais os limites que distinguiam intérprete e público, canto e resposta e pensamento e ação eram fluidos e permeáveis. Apesar do controle das gravadoras geridas por brancos, os discos eram feitos exclusivamente para o “mercado racial” afro-americano e, portanto, para os consumidores negros (Collins, 2019, p. 193).

A autora explica que grande parte das mulheres negras não tinha acesso à educação formal. Nesse contexto, os discos contendo músicas foram um dos primeiros documentos a explorar o ponto de vista das mulheres negras da classe trabalhadora, que só podiam acessar esses registros em locais específicos. No filme, é retratado que muitas dessas mulheres se encontravam em espaços de socialização, como o bar de Harpo. As músicas eram vistas como poesia e expressão das mulheres negras comuns, estruturadas a partir da cultura oral. Muitas dessas músicas desafiam as imagens de controle definidas e usadas na objetificação das mulheres negras como o Outro<sup>4</sup> (Collins, 2019).

Cabe mencionar que grande parte do comportamento do marido de Celie é resultado de sua paixão por Shug Avery. Essa paixão não correspondida, de certa forma, traz alguns benefícios para a vida de Celie: Shug Avery se aproxima de Celie após ser acolhida por Albert em sua casa, e a partir desse acolhimento intencional, as duas se tornam grandes amigas.

No primeiro encontro, Shug Avery trata Celie de forma hostil, mas, ao longo do tempo, desenvolve-se entre elas uma amizade profunda, que revela também uma relação de amor e cumplicidade. A grande reviravolta ocorre quando Shug descobre as cartas e o destino da irmã e dos filhos de Celie, evidenciando o papel de Albert na ausência de notícias da irmã e impulsionando Celie a questionar e enfrentar seu marido abusador, projetando novas perspectivas de vida. Shug e Sofia, esposa de Harpo, entram na vida de Celie e contribuem para revelar seu espírito brilhante, culminando em

---

<sup>4</sup> Termo que, no pensamento feminista negro, indica a posição de alteridade imposta às mulheres negras em relação ao sujeito universal, definido como branco, masculino e heterossexual. Ao serem nomeadas como “Outras”, são vistas como desviantes ou inferiores, tendo suas experiências deslegitimadas. Collins enfatiza, contudo, que esse lugar marginal pode se tornar fonte de resistência e de produção de conhecimento, pois permite às mulheres negras elaborar perspectivas críticas a partir da vivência da exclusão (Collins, 2019).



sua libertação, empoderamento e emancipação.

Na versão cinematográfica de 1985, o romance lésbico entre Celie e Shug é suavizado e parcialmente apagado. Em uma sociedade regida pela heteronormatividade e pelo racismo, a relação amorosa entre duas mulheres negras era considerada “fora da norma”. Apesar do silenciamento do romance, algumas cenas sugerem afetividade por meio de um beijo e demonstrações de cumplicidade, indicando a presença de laços emocionais e amorosos.

No livro de Alice Walker, a relação entre Celie e Shug é retratada de forma explícita, sendo central à narrativa. A adaptação de 2023 busca uma abordagem mais aberta e inclusiva, tornando a relação amorosa entre as duas personagens mais visível e celebratória, embora ainda tenha recebido críticas por suavizar certos aspectos do romance, reforçando o debate sobre a representação autêntica do amor entre mulheres negras na narrativa.

A partir do processo de autodefinição de Celie, “a violência contra as mulheres negras tende a ser legitimada e, portanto, perdoada, enquanto a mesma violência em outros grupos pode ser não legitimada e não desculpável” (Collins, 2019, p. 251). Isso ocorre porque Celie, de maneira singular, reestrutura sua trajetória por meio de novas definições, mas carrega consigo um legado de violência e abusos que estruturam as opressões interseccionais das mulheres afro-americanas.

### Considerações Finais

As dificuldades enfrentadas pelas afro-americanas ilustram que as opressões de gênero, raça e classe agem conjuntamente na produção da injustiça. Patrícia Hill Collins, explica que, por meio do pensamento feminista negro estadunidense, conduz-se a ideias que formam resistências contra esses sistemas de opressão, tanto nas práticas quanto às ideias que as justificam. Como epistemologia esse conhecimento contribui para o empoderamento de afro-americanos no contexto de desigualdades e injustiças, assim como destacado em nossa análise.

*A cor púrpura*, tanto em sua obra clássica quanto nas adaptações cinematográficas especialmente a versão analisada neste estudo, revela a realidade vivenciada por mulheres afro-americanas e as imagens de controle às quais estavam submetidas. A partir das personagens Celie, Sofia e Shug Avery, observa-se que atos de violência, abusos e mecanismos de controle são ratificados de forma recorrente no



cotidiano de mulheres negras, sobretudo no contexto estadunidense.

Os episódios de violência física, sexual e psicológica sofridos por Celie ao longo do filme refletem a dimensão visível desse sistema de opressão. No caso de Sofia, evidencia-se uma mulher negra que constantemente luta contra o machismo e o sexismo em seu meio, mostrando formas de resistência que permitem um olhar crítico sobre as estruturas que moldaram sua trajetória. Sua história também evidencia que a segregação racial era uma característica estrutural da sociedade norte-americana, escancarando profundas desigualdades.

Por meio de sua postura, Shug Avery não apenas oferece a Celie novas perspectivas de vida, como também propicia um debate sobre empoderamento em um contexto segregacionista, machista e misógeno. Apesar da versão cinematográfica de 1985 não retratar explicitamente a relação amorosa entre Celie e Shug, o vínculo entre as duas personagens ao longo da trama fomenta reflexões sobre emancipação, empoderamento e o apagamento de relações homoafetivas no contexto da produção do filme.

Sabe-se que o poder de resgatar o “eu” existe dentro de cada mulher (Collins, 2019). No entanto, a relação entre as três protagonistas demonstra o potencial do coletivo na autodefinição e na autovalorização individual. O entrelaçar das trajetórias de Celie, Sofia e Shug evidencia como outras mulheres negras podem contribuir decisivamente para o processo de emancipação e fortalecimento de uma mulher.

Por fim, o filme se mostra extremamente relevante para o debate sobre as matrizes de opressão enfrentadas por afro-americanas nos Estados Unidos, permitindo compreender melhor o cotidiano de mulheres negras frente às formas de opressão de gênero, raça e classe. Os esforços individuais e os processos de autodefinição e empoderamento das personagens demonstram que, apesar do contexto estrutural opressor, mulheres negras lutam constantemente para consolidar transformações significativas, tanto no encontro do “eu” quanto em ações coletivas, conferindo novos sentidos à sua existência.



## Referências

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

A COR Púrpura. Direção: Steven Spielberg. Produção: Steven Spielberg; Kathleen Kennedy; Quincy Jones; Frank Marshall. Estados Unidos, 1985. 154 min., sonoro, colorido.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

YANGE, Paul. Oprah Winfrey, Whoopi Goldberg, Margaret Avery, Danny Glover: “La couleur pourpre” de Steven Spielberg (1985). **GRIOO**, 17 de março de 2009. Disponível em: <https://www.grioo.com/mobile/article.php?id=16552>. Acesso em: 20 jan. 2024.

WALKER, Alice. **A cor púrpura**. Tradução de Maria Clara Machado. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas: Papyrus, 1994.

---

<sup>1</sup> Mayra Silva dos Santos

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Integra os grupos de pesquisa InFemis – Infância e Feminismos e Educação para as Relações Étnico-Raciais da UFSCAR. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

E-mail: [mayra.silva9152@gmail.com](mailto:mayra.silva9152@gmail.com)

Recebido em: 16/08/2024. Aceito em: 11/11/2025.